

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E  
TECNOLOGIA DE PINHEIRO-MA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

GIOVANA DE ARAUJO LEITE

**ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS PESQUEIRAS TRADICIONAIS NO RIO  
TURIAÇU, SANTA HELENA - MA:  
CULTURA MATERIAL E MODOS DE FAZER.**



PINHEIRO-MA  
2021

GIOVANA DE ARAUJO LEITE

**ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS PESQUEIRAS TRADICIONAIS NO RIO  
TURIAÇU, SANTA HELENA - MA:**  
Cultura material e modos de fazer.

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como exigência obrigatória para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas – Habilitação em História

Orientador: Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira

PINHEIRO-MA  
2021

LEITE, Giovana de Araujo.  
ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS PESQUEIRAS TRADICIONAIS NO RIO  
TURIAÇU, SANTA HELENA - MA: Cultura material e modos de fazer  
/ Giovana Araujo Leite. - 2021.  
57 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira.  
Monografia (Graduação)- Curso de Ciências Humanas -  
História, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2021.

1. Cultura. 2. Pesca. 3. Rio Turiaçu. 4. Técnicas. 5.  
Tradição. I. Bandeira, Arkley Marques. II. Título.

GIOVANA DE ARAUJO LEITE

**ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS PESQUEIRAS TRADICIONAIS NO RIO  
TURIAÇU, SANTA HELENA - MA:**

Cultura material e modos de fazer

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como exigência obrigatória para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas – Habilitação em História.

Defendida e aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. <sup>a</sup> Me. Doracy Gomes Pinto Lima (UFMA/PINHEIRO)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Flavio Luiz de Castro Freitas (UFMA/PINHEIRO)  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho ao meu Prof. Orientador,  
Dr. Arkley Marques Bandeira, e aos meus pais,  
Edvaldo Costa Leite Filho e Joana de Araujo  
Leite.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me amou de todas as formas e permitiu que este sonho fosse possível, em todas as etapas. Apesar das dificuldades, Deus abriu portas para que esta jornada fosse concluída.

A minha família que sempre lutou por mim, em sua simplicidade me educou, amou e encorajou-me a ser um ser humano melhor. Ao meu companheiro, Eduardo Martins Vieira, pelo amor e apoio. Aos meus amigos que me encorajaram a persistir nos momentos de tristeza e dificuldade, em especial à Emilly Marly Cardoso Campos, que nunca me deixou fraquejar e desanimar.

Aos meus professores e à instituição UFMA (Universidade Federal do Maranhão) pelo apoio, paciência, dedicação e disponibilidade. Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para que eu conseguisse concluir esta jornada. Muito obrigada!

*O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.*

*José de Alencar*

## RESUMO

Este trabalho tem como foco as práticas pesqueiras tradicionais no Rio Turiaçu, no município de Santa Helena, Maranhão. Objetivou-se etnografar as modalidades de pesca, os apetrechos utilizados e as formas de conservação do pescado, a exemplo do processo de salga e secagem, para compreender em que medida essas práticas que remetem aos povos indígenas que viveram na região ainda persistem entre os pescadores tradicionais, perpassando gerações e influenciando no cotidiano social e econômico dos pescadores. Partindo de uma observação participante em campo de caráter exploratório com pesquisas bibliográficas, coleta de dados e relatos orais dos pescadores locais, foi possível notar algumas características peculiares dessas práticas, como o fato dos pescadores executarem esse processo apenas uma vez ao ano, dirigindo-se sempre para o mesmo local, com as mesmas finalidades, a fim de conseguir uma fonte de renda extra para a família, além de notar-se o amor ao ofício. A observação etnográfica possibilitou dados para se compreender a formação econômica e cultural da cidade, sabendo-se que uma boa parcela dos habitantes locais sobrevive dessas técnicas, além de possibilitar a realização de estudos comparados.

**Palavras-chaves:** Pesca. Técnicas. Tradição. Cultura. Rio Turiaçu.



## ABSTRACT

This work focuses on traditional fishing practices on the Turiaçu River, in the municipality of Santa Helena, Maranhão. The objective is to ethnographer the fishing modalities, the equipment used and the forms of fish conservation, such as the salting and drying process, to understand to what extent these practices that refer to the indigenous peoples who have lived in the region still persist among traditional fishermen, passing through generations and influencing the social and economic daily life of fishermen. Starting from a participant observation in an exploratory field with bibliographic research, data collection and oral reports from local fishermen, it was possible to notice some peculiar characteristics of these practices, such as the fact that fishermen perform this process only once a year, addressing themselves always to the same place, for the same purposes, to get an extra source of income for the family, in order to obtain an extra source of incoming for the family, besides notice the love of the craft. The ethnographic observation made it possible to understand the economic and cultural formation of the city, knowing that a good portion of the local inhabitants survive these techniques, in addition to enabling comparative studies to be conducted.

**Keywords:** Fishing. Techniques. Tradition. Culture. River Turiaçu.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MA	Maranhão
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
TURI	Turiaçu (Rio)

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Localização de Santa Helena no Maranhão .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 2: Povoado de Alto Alegre .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 3: Percurso entre o povoado e a sede.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4: Acampamento Ribeirinho .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 5: Escavação de um poço .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 6: Igarapé.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 7: Captura do pescado com rede de nylon.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 8: Pescadores puxando a rede para a retirada dos peixes capturados.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 9: Acampamento da família Leite.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 10: Seu Vavá despescando à malhadeira. ....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 11: Dona Joana tratando do pescado .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 12: Despesca da malhadeira (Pescador Buchecha) .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 13: Tarrafa, à esquerda; e soco, à direita .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 14: Mulheres tratando do pescado (Ilha da Onça).....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 15: Salga da Traíra .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 16: Secagem da traíra em jirau (Ilha da Onça).....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 17: Peixe sendo ensacado após secagem )Ilha das Onças).....</b>	<b>50</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1: Peixes de Escama .....</b>	<b>44</b>
<b>QUADRO 2: Peixes de couro ou esporão .....</b>	<b>46</b>
<b>QUADRO 3: Peixes de Casco .....</b>	<b>46</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: PESCA TRADICIONAL E ARTESANAL ..</b>	<b>17</b>
1.1 A pesca artesanal como objeto de estudo das Ciências Humanas. ....	19
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
2.1 Caracterizando a área de estudo.....	24
2.2 História de Santa Helena.....	25
2.3 Localização da área de estudo.....	27
2.4 Caracterização ambiental .....	30
<b>3 CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL EM SANTA HELENA....</b>	<b>35</b>
3.1 Etnografia das práticas pesqueiras na Ilha da Onça.....	36
3.2 Modalidades de captura .....	40
3.3 Instrumentos utilizados .....	42
3.4 Espécies capturadas .....	44
3.5 Processamento do pescado.....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A pesca artesanal brasileira se destaca em produção e ocupação de mão, onde mais de 600 mil brasileiros sustentam suas famílias e geram renda para o país trabalhando nesta atividade (MPA, 2011). Ao longo dos anos, a arte da pesca vem sendo perpassada por gerações inteiras de trabalhadores que aderem a essas práticas como ofício primário, que correspondem à 60% da pesca nacional, resultando em uma produção de mais 500 mil toneladas por ano.

Na região nordeste a pesca possui grande representatividade econômica e social para os que vivem nestas ocupações. No município de Santa Helena (MA) não é diferente. Pescadores artesanais utilizam de suas habilidades adquiridas por meio da observação dos mais velhos ou pelo incentivo dos parentes para sustento e profissão a ser seguida.

O município em questão encontra-se às margens direita do Rio Turiaçu, popularmente chamado de “Pérola do Turi”, o que diz muito sobre a fundação do município e as práticas ancestrais adquiridas pelos pescadores na atualidade. Santa Helena é um município que se encontra na microrregião da Baixada maranhense, tendo sido emancipada definitivamente em 1935, mas o seu povoamento teve início em princípios do século XIX, “por um índio chamado *Pedro Alves*, o principal de sua Aldeia, que pediu uma porção de terra às margens do Rio Turiaçu, para o assentamento de sua aldeia do Laranjal” (FERREIRA, 2011, p. 12). O trabalho aqui desenvolvido abordou um grupo distinto de pescadores artesanais que efetuam o deslocamento da sede para as margens do Rio Turiaçu com o intuito de acampar durante meses seguidos e praticar a captura e secagem da traíra, com ferramentas e métodos de caça particulares.

Mediante tais peculiaridades do ofício, a seguinte etnografia pretende compreender e analisar a influência social e econômica das práticas pesqueiras deixadas pelos ancestrais indígenas que habitaram no município de Santa Helena, além de comparar o modo de vida das famílias atuais em relação aos seus ancestrais indígenas, mostrando a importância da população pesqueira mediante o desenvolvimento da cidade, verificando como o território e as áreas de pesca são utilizados pelos pescadores tradicionais ao decorrer dos anos. Outro objetivo relevante para a pesquisa é descrever como o conhecimento sobre as práticas pesqueiras é transmitido entre as gerações, diagnosticando os elementos que contribuem para a permanência e a continuidade do modo de vida do pescador.

A etnografia da pesca tradicional utilizada se caracteriza por ser multitemporal, sintonizada com as propriedades direcionais das práticas e preocupada com os vários modos sócio vernaculares da percepção e historicização deste fazer ancestral. Nesse âmbito, Hamilakis (2011) argumenta que a prática etnográfica potencializa o conhecimento em campo porque ultrapassa sua natureza de método, afirmando:

“[...] é muito mais do que uma prática e um método, tratando-se de uma temática transdisciplinar e transcultural que permite múltiplos encontros, conversações e intervenções, além de potencializar percepções etnograficamente múltiplas e alternativas da materialidade e da temporalidade; propriedades e qualidades de objetos e coisas, taxonomias cronométricas, tipológicas, funcionais ou formais, dentre outros aspectos, permitindo que agências sejam encenadas por meio de performances contemporâneas, onde humanos, outros seres, objetos e coisas são protagonistas” (HAMILAKIS, 2011, p. 403).

Alinhado com Hamilakis (2011), busca-se realizar nesta pesquisa uma etnografia total, mas não totalizante, enfatizando o contexto social e cultural das comunidades pesqueiras localizadas no município de Santa Helena, com ênfase nos mais diversos aspectos que caracterizam àquela comunidade: social, histórico, ecológico, espacial, antropológico, cultural e econômico (esses dois, com relevância mais assertiva), e outras; sem a pretensão de esgotar o tema.

A metodologia empregada nesta pesquisa estrutura-se a partir dos pressupostos expostos anteriormente, utilizando-se como instrumento para coleta de dados o *Inventário de Conhecimento ou Varredura* desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no âmbito da política nacional de patrimônio imaterial (IPHAN, 2000).

Um Inventário de Conhecimento ou Varredura é qualquer estudo que vise conhecer o universo de um bem cultural de determinada região, podendo relacionar-se a um determinado tema, funcionando como um mapeamento abrangente, cujo objetivo final é o conhecimento, salvaguarda e proteção. Inventariar significa encontrar, tornar conhecido, identificar, descrever de forma apurada cada bem considerado, de modo a permitir a sua adequada classificação. Exige-se rigorosa pesquisa, organização e sistematização das informações obtidas, devendo seguir as fases de desenvolvimento de uma pesquisa científica (IPHAN, 2006). A realização de um Inventário depende da definição e tipificação, de antemão, das ocorrências concretas que serão consideradas pertinentes, que no caso em questão é a abordagem processual de identidades, ações e formas de organização local da comunidade pesqueira de Santa Helena.

Em relação ao inventário, Soares (2009, p. 286) conceitua:

O inventário é indicado nominalmente em dispositivo constitucional como um dos instrumentos para promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro. É um instrumento de proteção dos bens materiais e imateriais, móveis e imóveis, públicos ou privados, nacionais e estrangeiros. Além disso, pode ser feito por entes públicos e privados, com adoção de metodologia pré-determinada pelo órgão cultural ou com o uso de metodologia desenvolvida por outros experts ou profissionais que lidem com patrimônio cultural.

Neste contexto, foram produzidos dados a partir de diferentes suportes documentais, a exemplo de referências bibliográficas, etnografias já produzidas, relatos e memórias orais, observações e vivências no local da pesquisa, documentação audiovisual, dentre outros. Esses dados foram fartamente utilizados na construção da narrativa da pesquisa.

O presente trabalho encontra-se dividido em 4 (quatro) capítulos, constando uma revisão bibliográfica sobre a pesca tradicional e artesanal como objeto de estudo das Ciências Humanas e Sociais; a perspectiva teórica e metodológica adotada e as atividades de campo.

Em relação à problematização, questiona-se: em que consiste essa pesca artesanal no Rio Turiaçu? Por que ela é considerada artesanal? O que caracteriza ela como tal, suas peculiaridades, tecnologias, técnicas e tradições, buscando compreender em que medida ela possui um papel de influência no comportamento dos pescadores, tanto no âmbito cultural como econômico? Como se dá o processamento do pescado e os conhecimentos envolvidos?

No segundo momento será tratado sobre a área de estudo, a história de origem do município de Santa Helena (MA), suas características, formação e construção que levaram à atual cidade. No último capítulo, temos as modalidades de captura, as espécies encontradas no local, montagem e desmontagem do acampamento e o processo descritivo do processamento do pescado que é um dos pontos fundamentais para compreender essa tradição que leva à prática desse ofício pela comunidade.



## 1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: PESCA TRADICIONAL E ARTESANAL

A investigação etnográfica da comunidade pesqueira e o estudo das diferentes representações acerca das práticas de pesca enquanto mediadores das relações sociais, culturais, econômicas, e como importantes suportes de histórias, memórias, identidades, materialidades e imaterialidades, têm encontrado um terreno fértil em diversas regiões do Brasil.

Inicialmente, é relevante destacar alguns estudos colaborativos de cunho etnográfico, a exemplo dos trabalhos realizados por Luís da Câmara Cascudo, em Jangadeiros (1957) constituindo a sistematização sobre a pesca em jangada no Nordeste brasileiro; além de outras pesquisas como as produzidas por Pierson e Teixeira (1947), dentre elas, intitulada *Survey de Icapara*, realizada em uma Vila de Pescadores do Litoral Sul de São Paulo; e a pesquisa de Gioconda Mussoline (1945; 1946), sobre o cerco da tainha na Ilha de São Sebastião e o cerco flutuante de pesca japonesa na mesma ilha, constituem trabalhos que descrevem os modos de vida e as técnicas aplicadas à pesca utilizadas por pescadores do litoral de São Paulo.

Sobre Mussoline, Diegues (1999, S.P) destaca que:

A quantidade e a diversidade dos trabalhos sobre comunidades de pescadores publicados no Brasil apontam para a construção de um campo específico do conhecimento nas ciências sociais que poderia ser intitulado: Sócio Antropologia Marítima (ou da Pesca). A Antropologia Marítima é hoje um campo de pesquisa especializado de estudo etnológico sobre comunidades que vivem do mar, especialmente da pesca.

Coadunando com a ideia de Pascoal Fernandez (1991), embora seja comum a utilização da terminologia “Antropologia Marítima”, é preferível utilizar o termo “*antropologia de lá pesca*”, considerando que este último abrange pescadores que desenvolvem atividades em ambientes de água doce, a saber, rios e lagos.

Apesar disso, Leniz (2016 apud GERBER, 2013, p. 38), destaca que tais estudos são tratados com leviandade na sociedade brasileira, afirmando que:

O Brasil sendo um país privilegiado em seus aspectos ambientais, sociais e humanos tem muito que avançar em estudos antropológicos sobre as áreas que o compõem, incluindo a pesca, pescadores e pescadoras. A antropologia, e não apenas a sociedade de forma ampla ou os órgãos públicos, ainda não reconhecem, à contento, a pesca como uma temática interessante para ser analisada cientificamente e de forma mais aprofundada. Dessa forma, muito embora, os registros de trabalhos elaborados por profissionais das ciências sociais brasileiros e estrangeiros somam um número significativo, reconhecemos que, ainda, se faz necessário avançarmos na produção de pesquisas sócio antropológicas que abordem as questões relacionadas às particularidades

inerentes aos diversos grupos sociais de pescadores que habitam nos diferentes ambientes aquáticos brasileiros.

Continuando a problematização, nas palavras de Geistdoerfer (2016, p. 30), a Antropologia Marítima “[...] estuda a variedade e a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas no processo de apropriação do espaço marinho que daí retiram sua subsistência”. Como se vê, tal campo de estudos já possui uma discussão, apesar de inicial e controversa, acerca de suas definições e objetos próprios.

Convém relatar que a etnografia foi fartamente utilizada nas ciências sociais, nos estudos sobre pescadores no Brasil e no mundo, bem como seus procedimentos de observação direta e de história de vida (MAURICIO BOIVIN, ANA ROSATO, 2011; DIEGUES, 1983, 2004; MALDONADO, 1993; RAMALHO, 2015, 2017).

Desse modo, a etnografia é uma das ferramentas essenciais para realização de estudos no campo antropológico de sociedades que trabalham e dependem diretamente do ambiente marinho, bem como sobre ele constroem seus laços sociais, morais e até políticos. Nesse ínterim, Angrossino (2009, p. 30) conceitua etnografia como sendo uma “arte e a ciência” que pretende “[...] descrever um grupo humano – suas instituições, comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”.

Portanto, a etnografia é maciçamente presente no desenvolvimento da antropologia enquanto metodologia para obtenção de dados por meio da observação direta e participante, todavia, não somente se encontra na Antropologia, como também em Arqueologia, formando a chamada etnoarqueologia. Fabíola Andrea Silva (2009) reconhece que a etnoarqueologia é uma especialidade da arqueologia que estuda as sociedades contemporâneas e a sua relação com o mundo material, constituindo um campo investigativo que visa trazer referenciais etnográficos como subsídios às interpretações arqueológicas sobre o passado e, ao mesmo tempo, como uma possibilidade de “arqueologia do presente”, conforme *práxis* cunhada por Alfredo González Ruibal (2009).

Destarte, por meio da etnografia é possível compreender e tecer comparações entre os costumes e crenças, bem como identidade e o modo de vida dos pescadores tradicionais de Santa Helena – MA, em tempos passados e compará-los com o presente evidenciando quais fatores contribuíram para modificação ou permanência dessas características.

Ao passo que a arqueologia do presente, segundo Ruibal (2009, p. 21), objetiva “[...] encontrar marcos de referências contrastáveis que permitam compreender melhor o papel da ação humana”, a exemplo dos estudos de Luís Fernando Duarte em *As redes do Suor* (1999) no qual, segundo Diegues (1999, p. 366), o autor procurou “[...] analisar os mecanismos ideológicos existentes na trajetória de mudança entre a organização da pesca artesanal, centrada no modelo de campanha e a emergência de uma nova divisão de trabalho”. Logo, uma arqueologia do presente investiga as sociedades atuais por meio da etnografia, mas com as bases teóricas e metodológicas da arqueologia e nisto ela é diferente da etnoarqueologia até então praticada (RUIBAL, 2006).

Em suma, a etnografia das práticas pesqueiras tradicionais do Rio Turí traz a observação etnográfica que pode fornecer dados para a realização de estudos comparados, além de fornecer à sua comunidade local uma explanação sobre os costumes dos ancestrais que ali viveram, possibilitando compreender o que levou à estrutura social atual, trazendo para a pesca artesanal e para aqueles que com ela trabalham, um olhar voltado com mais respeito e transparências sobre suas habilidades e costumes.

### **1.1 A pesca artesanal como objeto de estudo das Ciências Humanas.**

O homem em sua totalidade é caracterizado por vários aspectos biológicos e culturais. A cada novo ambiente explorado é possível deparar-se com grupos seletos, com sotaques diferentes, hábitos, costumes e crenças que se distinguem umas das outras. O ser humano possui a faculdade de simbolizar tudo ao seu redor e também se vale de símbolos para transmitir seus modos de ser, viver e entender o mundo ao redor para as futuras gerações. Como sustenta Laraia (2009, p. 232): “só através da cultura que os seres humanos foram capazes de viver em todos os habitats da Terra, desde o polo mais frio até o deserto mais quente”.

As culturas, que por seu aspecto holístico, abarcam conceitos sobre a natureza (ou as naturezas), e expressam a organização da situação atual em termos de seu passado. Nisso, o ofício do pescador está repleto de inquietações que necessitam da atenção de estudiosos que desmistifiquem o valor cultural, suas raízes e suas influências sobre sociedades inteiras que fazem da pesca artesanal não apenas uma prática, mas um estilo de vida que possibilita todo um ciclo social, um modo de viver e sobreviver, que requer intervenções para que a história possa ser contada e compreendida a partir da fala dos

seus reais fundadores e experienciadores. Nesse sentido, as etnografias podem/devem se valer da História.

A História de um determinado grupo é fruto da dinamicidade cultural e social, tanto pela memória dos fatos ocorridos quanto pela definição dos acontecimentos, por isso mesmo, deve ser registrado e transmitido. Em meio a tais narrativas é notório o papel das Ciências Humanas e Sociais que reúnem criteriosamente conhecimentos organizados sobre a produção criativa humana e do conhecimento, realizadas a partir de discursos específicos. Seu objetivo é desvendar as complexidades da sociedade, suas criações e pensamentos, colocando em xeque suas relações de amizade, poder, dominação e permitindo à sociedade a compreensão de tais acontecimentos ao longo da história da vida humana.

O homem moderno pode ser visto de várias vertentes, de acordo com seu ciclo social. Uma pequena comunidade percebe o avanço ao seu redor com mais sutileza que grandes metrópoles; o homem social por sua vez, considera moderno ou novo tudo aquilo que não é comum ao seu cotidiano diário, cabe às ciências humanas analisar tais mudanças e o papel na atualidade que se faz parte.

As comunidades de pescadores, por exemplo, consistem em um campo de estudo que necessita de um olhar etnográfico, onde para além de qualquer material didático é necessário uma vivência no cotidiano do pescador local, para que suas peculiaridades sejam desmistificadas por olhares treinados e atentos. Vivenciar o dia a dia de determinados grupos humanos implica, entre outras coisas, conhecer sua organização social, econômica e familiar, para então compreender quem são estas pessoas, como vivem, pensam, se organizam, suas histórias e suas tradições.

De acordo com Rocha (2006, p. 108):

Conclui-se que a etnografia não se restringe a uma estratégia de trabalho de campo com fins à descrição das culturas nativas em termos de performances textuais. Esta também dramatiza muito das experiências dos antropólogos. [...] a etnografia é, ela mesma, uma chave metodológica para se penetrar no coração do pensamento e da prática antropológica. Afinal, a etnografia, como um gênero de performance narrativa, realiza a mediação entre o campo e a escrita, a teoria e a prática, o pensamento antropológico e a experiência individual do etnógrafo.

As percepções realizadas a partir de uma visão social demonstram uma comunidade de pescadores sofrendo transformações no estado da arte da pesca que conseqüentemente afeta toda uma esfera social e, indo à campo, é perceptível que a prática se relaciona com

a teoria e as experiências narram as complexidades da relação entre a comunidade e a modernidade.

Uma comunidade pesqueira que se mantém resistente por longas gerações é exposta a certas mudanças consequentes das novas modernidades com seus empregos de carteira assinada, rendimentos fixos, um mercado de trabalho que exige do empregado uma produtividade maior para atender a demanda do consumismo, uma educação mais acessível, além da pressão das mídias para se render a essa nova realidade. Nesse sentido, é necessário compreender em que medida essa modernidade influencia na vida dos artesãos das comunidades pesqueiras, mas especificamente em Santa Helena (MA), que apresentam traços indígenas na sua fundação, onde se pode notar nos grupos de danças populares a apropriação das narrativas contadas em festivais, nas vestimentas dos integrantes que fazem de uma história sua arte, ou nos cultivos locais que possibilitam o sustento de algumas famílias, com a mandioca, macaxeira, hortaliças e, em destaque, o artesão que fabrica a rede de pesca, as armadilhas de caça e se apropria de métodos que bebem na ancestralidade, como a conservação do pescado, a utilização de lenha para preparar os alimentos a serem consumidos, as histórias contadas em rodas de conversas sobre Santos, entidades, assombrações e espíritos da natureza como a Mãe-d'água, a Curupira e a Mula-sem-cabeça. Tantos aspectos não devem passar despercebidos, pois os mesmos só fazem parte da história dos moradores deste município graças à presença dos seus primeiros habitantes<sup>1</sup>.

As ideologias acerca da pesca são diversas, podendo ser consideradas como um ofício, tanto quanto um conhecimento atrelado às experiências vividas por pessoas que caracterizam uma camada social vista como sem estudo, trabalhadores braçais com representações quase sempre marginais e preconceituosas, mas que carregam consigo uma história que tem um papel fundamental na formação de um caráter regional e moral. Não é por menos que essas práticas são vistas como objeto de estudos para muitos pesquisadores.

É possível encontrar um vasto material produzido por Câmara Cascudo (1957, 2014), Diegues (1983, 2004), Furtado (1993), Maldonado (1986; 1993), Ramalho (2015; 2017), cujas especificidades do modo de vida, do trabalho, das relações socioambientais e culturais foram ressaltadas. É notório reconhecer nesses pescadores o conhecimento

---

<sup>1</sup> Acerca dessa presença indígena na região, bem como de suas mitologias e seres mitológicos, conferir a monografia de Cleudiane Costa Silva (2019), narrando as memórias de quilombolas e ribeirinhos do Turiacu, às margens do Rio Turi, especificamente, do quilombo Turimirim.

complexo e sofisticado que esses “homens das águas” desenvolveram para lidar com as embarcações, com o clima e suas diversas nuances, com as armadilhas de pesca e a forma como tais habilidades são repassadas pelas gerações. Existe toda uma orientação que traz à tona o papel dos artesãos mais antigos ou mestres que possuem um papel fundamental na divisão do ofício e em seu repasse para que seja possível contemplar o talento desses trabalhadores em gerações futuras.

Durante o processo da coleta de dados, foi possível notar a importância da fala dos pescadores mais antigos, onde os relatos orais trazem à tona algumas características que não são percebidas em todos os escritos bibliográficos consultados, considerando que cada região ou comunidade realiza as atividades de pesca de maneiras peculiares. Nesse sentido, Montenegro (2003, p. 16):

Vale destacar que o trabalho da história oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor.

Destarte, do ponto de vista teórico, é fundamental a visão do etnógrafo para essas comunidades pesqueiras que se encontram cobertos de indagações que podem passar despercebidas para quem os acompanham, ou até mesmo para os praticantes, possibilitando entender criticamente opiniões leigas e aos futuros pesquisadores de tal modalidade. Logo, em relação às Ciências Humanas, os estudos comparados possibilitam uma quebra de uma visão etnocêntrica dessas comunidades e dos seus habitantes que carregam em sua realidade a marca de uma história pouco ou não contada, quase sempre ignorada.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A história oral é importante na medida que se permite a elaboração de novos documentos e olhares historiográficos, tendo em vista que a própria ideia de memória não está atrelada apenas ao passado, mas à sua relação com o presente, como bem colocado por Alberti (2005). Após uma análise pessoal e científica, a presente pesquisa procurou engajar-se em um método qualitativo, bastante utilizado nos estudos etnográficos com ênfase na coleta de dados com o uso do *Inventário de Conhecimento ou Varredura*.

Conhecer a memória local do grupo estudado, através da história de vida e da história oral dos agentes que desenvolvem a atividade da pesca, proporciona uma visão mais detalhada do que leva ou motiva os pescadores artesãos a continuarem com tal ofício. Ao escolher o local de investigação, a presença de uma família de pescadores que pratica o ofício por mais de três gerações e que permanecem habitando nas mesmas localidades do município em questão foi essencial para o desenvolvimento da escrita etnográfica.

A pesquisa de campo foi dividida entre a coleta de dados no acampamento da *Família Leite* situado às margens do Rio Turiaçu, durante 3 anos (três anos) entre os meses de agosto a outubro, por meio da observação do funcionamento do acampamento e da participação nos fazeres diários. Em um segundo momento, foi realizado um questionário com 32 perguntas aplicado a alguns pescadores, preferencialmente, que praticam o ofício há tempos na área em questão. As questões foram voltadas para saber quando, como e quem fazia ou faz parte dessas expedições pesqueiras. Após essa etapa, o foco foi a investigação no campo da memória, etapa crucial onde foi necessário a busca por escritores locais que narram em seus escritos as histórias da ancestralidade dos moradores e suas raízes que derivam do berço da fundação e emancipação do município que habita os, então naturais, *helenenses*.

É notório a escassez do material histórico voltado para as narrativas que a história do município traz durante sua existência. Para a elaboração desse projeto, foi possível dispor de três livros em destaque, entre os quais dois são de escritores da terra. O primeiro, é a obra de Antônio Torres Fróes (2012), intitulada *História do Município de Santa Helena*; a segunda obra é de Rosinelba Pereira Ferreira (2011), *Santa Helena, Alma e História* e, por fim, o livro organizado pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, nomeado *Santa Helena: Pérola do Turi* (MARANHÃO, 1989). Em atividade paralela, foram usados um rico acervo literário, de grandes escritores como Begossi (2001, 2011), Cascudo (1957, 2014) e Diegues (1999, 1973, 1983, 1995, 1996, 1997,

2004), entre muitos outros que enriquecem nossos conhecimentos com seus estudos sobre os mares, as comunidades pesqueiras, as modalidades de pesca e captura, a influência na prática desse ofício que reflete no funcionamento de comunidades, crenças e valores.

Utilizando dos novos recursos que as mídias sociais e os avanços tecnológicos nos proporcionam, foi possível, por meio de aplicativos de navegação, a coleta de imagens das áreas visitadas, assim como o trajeto percorrido e a localização do município no globo terrestre. Sobre alguns dados estatísticos populacionais e em relação às limitações da cidade, foi realizada a visita a *sites* especializados, como o IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística).

Para finalizar, qualquer dado coletado ou narrativa mencionada ao decorrer desta produção textual, partiu exclusivamente das investigações realizadas nas mediações do município de Santa Helena e nas observações participantes durante o período de coleta de dados às margens do Rio Turiaçu.

## **2.1 Caracterizando a área de estudo**

A caracterização da área de estudo, apresentada neste capítulo, inicia-se com uma descrição da história de fundação da cidade de Santa Helena por meio do processo de emancipação política do município, o qual passou por inúmeros decretos até receber o reconhecimento que possui atualmente. A descrição histórica da cidade traz à tona seus protagonistas fundacionais que dão origem a uma povoação indígena, que ao decorrer dos anos, tornou-se o município atual.

Sobre a localização geográfica, foi possível o mapeamento do município e das regiões ribeirinhas visitadas. Na região da sede, é possível mensurar dados referentes ao desenvolvimento local, que apresentam uma carência nas áreas de saneamento básico e urbanização adequada. Em relação às localidades ribeirinhas, muitos povoados não possuem energia elétrica e não recebem camada asfáltica por se tratar de pontos de alagação em períodos chuvosos. Para acessar essas comunidades é preciso a utilização de botes ou canoas no inverno, e no verão é possível o acesso por meios de transportes terrestres.

A renda dos helenenses vem por meio de comerciantes que trabalham com o comércio no varejo e atacado, em bares, salões, comércio informal, agricultores autônomos, pescadores artesanais, etc. Em relação às famílias que montam acampamento



provisório, geralmente trata-se de família de baixa renda, que necessitam dessa modalidade para o sustento dos filhos.

Sobre o clima, trata-se do clima tropical, com vegetação marcada por árvores de grande porte como babaçu, buriti, açaí, carnaúba, entre outras. Os relevos, bem como aspectos referentes à geologia da área, fazem parte desse cenário.

## 2.2 História de Santa Helena

De acordo com o projeto de monografia dos Municípios do Maranhão, iniciado pelo Projeto de Assistência Técnica ao Ensino Municipal/ PRÓ-MUNICÍPIO, no ano de 1981, onde houve uma coleta de dados para a criação de um catálogo com informações básicas do município para que o mesmo fosse usado nas escolas, a povoação inicial foi por meio de um assentamento à margem direita do rio Turiaçu, possuindo 15 léguas (90km) à Sudeste de Guimarães, em terras de sesmaria concedida por D. Fernando Antônio de Noronha ao índio Pedro Alves, cacique da aldeia do Laranjal.

Há, ainda, uma lenda acerca da fundação e nomeação do município que parte de uma índia. De acordo com a lenda:

No município existe uma índia muito linda e bondosa chamada Helena. Ainda moça veio a falecer por motivos desconhecido. Os índios saudosos sempre visitavam o seu túmulo. Em uma das visitas encontraram sua sepultura rachada e com cheiro de flores. Chamaram várias pessoas para checar o acontecido e resolveram cavar a fim de verificar o que ocorria naquele local. Grande foi a surpresa das pessoas presentes, quando viram que o corpo de “Helena” não havia sofrido nenhuma transformação (MARANHÃO, 1989, p. 17).

Pelo acontecido, chegaram à conclusão de que a índia, por sua bondade, havia alcançado o reino dos céus e se transformada em Santa. A população da aldeia construiu uma capela e colocou *Helena* na sua nova morada. Com a chegada dos primeiros padres, levaram-na para Roma e trouxeram uma pequena imagem que ocupa privilegiado local na igreja matriz da cidade, onde é a Padroeira. Assim, a aldeia passou a ter o nome de Santa Helena, em homenagem à índia *Helena*. Todos os anos, centenas de fiéis reúnem-se nas ruas em procissão e missas para saudar e pagar promessas feitas à Santa e padroeira do município.

Os dados históricos cadastrados pelo IBGE (2017) trazem à tona o Coronel Lago em seu itinerário com as seguintes narrativas:

Desgraçada povoação: miserável – ajuntamento de escravo! Esta povoação, que no princípio era aldeia de índios do Laranjal, de onde para aqui a fez passar o

Ex. D. Fernando Antônio de Noronha, com pequenas choupanas de palha, e em um dos lados a capela também coberta de palha; conta de 28 fogos e cerca de 150 almas, em que já hoje poucos índios entram, um comandante parcial (IBGE, 2017).

Nos escritos encontrados é possível notar a participação crucial na formação do município pela existência indígena e com o passar dos anos a instalação de negros fugidos da condição de escravidão pelas fazendas aos arredores, que dão início aos quilombos que ainda são reconhecidos atualmente.

Sobre a formação administrativa do município criado com a denominação de Santa Helena, é possível elencar um longo trajeto até seu desmembramento com as outras cidades vizinhas, pela lei provincial nº 13, de 08 de maio de 1835, encontrava-se subordinada ao município de Guimarães. Logo em seguida, foi elevada à categoria de vila com a denominação de Santa Helena pela lei provincial nº 65, de 15 de junho de 1938, assim, desconectada de Guimarães.

Em relação à divisão administrativa referente ao ano 1911, a vila é constituída de 3 distritos: Santa Helena, Rosário e São Francisco. Pelo decreto nº 268, de 19 de abril de 1932, é extinto o município de Santa Helena, sendo seu território anexado ao município de Pinheiro, passando a ser distrito de Pinheiro.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, Santa Helena figura como distrito de Pinheiro. Em 20 de setembro de 1935, é elevada novamente à categoria de município com a denominação de Santa Helena, pelo decreto nº 919, desmembrada agora definitivamente de Pinheiro.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1937, o município é constituído do distrito sede. Pela lei nº 269, de 31 de dezembro de 1940, é criada Curva Grande e anexado ao município de Pinheiro. Em divisão territorial datada de 01 julho de 1960, o município é constituído de 2 distritos: Santa Helena e Curva Grade. Assim permanece em divisão territorial datada de 2005.

Em 30 de setembro de 2021, o município completa 86 anos de emancipação política, em um dia repleto de festividades para lembrar uma data tão importante para os moradores locais, trazendo à tona uma trajetória marcada por um início simples e desprezioso, quando os índios apenas desejavam uma porção de terra para instalar moradia, além da implementação do cultivo e da pesca por se tratar de uma região com campos férteis.

Um aspecto que confirma as narrativas mencionadas anteriormente é detectado em destaque no hino municipal. A canção fala sobre as características ambientais e sua

fundação, com a letra de Comandante José Ribamar Avelar e música de Luiz de Sousa Pereira, é mencionada as seguintes estrofes:

[...] Várzeas montanhas, lagos verdes campos  
 Campeões o teu cenário magistral  
 Por um legado régio começaste  
 A ser um exemplar povoação  
 E o índio Pedro Alves diligente  
 Fazendo grandioso o seu Rincão  
 [...] És a pérola do turi (Bis)  
 [...] As ricas margens dos campos do gama  
 O gado o babaçu que te enriquecem  
 O peixe que teu rio piscoso dá [...]  
 [...] E nas Campinas nos prados e nas águas  
 Que servem de viveiro aos aguapés  
 Benditas sejam para todo sempre  
 E bela como as flores do pau d'arco  
 Os teus campos de alcatifa sejam eternos  
 E teus tapicuens sirvam de marco (Hino Oficial do Município de Santa Helena).

A história do município carrega em suas entrelinhas contos de um povo guerreiro, humilde, simples e apaixonado pela sua terra. A carência de escritos e documentos sobre o município exercita a reflexão sobre a necessidade de olhares treinados para retratar a história desse povo para as futuras gerações que correm o risco de encontrar apenas resquícios superficiais das verdadeiras raízes do povo helenenses.

### 2.3 Localização da área de estudo

O estudo em questão, como já mencionada anteriormente, faz referência ao município de Santa Helena, situada no Estado do Maranhão, na região Nordeste do país, conhecida popularmente como *Pérola do Turi*. Na **Figura 1**, abaixo, é possível encontrar no mapa a localização exata do município.

**Figura 1: Localização de Santa Helena no Maranhão**

Fonte: Wikipédia (2021).

O IBGE (2020) apresenta dados fundamentais para compreender em que nível de desenvolvimento o município se encontra. O mesmo possui uma área territorial de 2.191,169 km<sup>2</sup>, com as seguintes coordenadas -2.561719, -45.597019. Banhada pelas águas do Rio Turiaçu, possui como municípios limítrofes Turilândia, Santa Luzia do Paruá, Presidente Sarney, Pinheiro, Central do Maranhão, Mirinzal e Serrano do Maranhão.

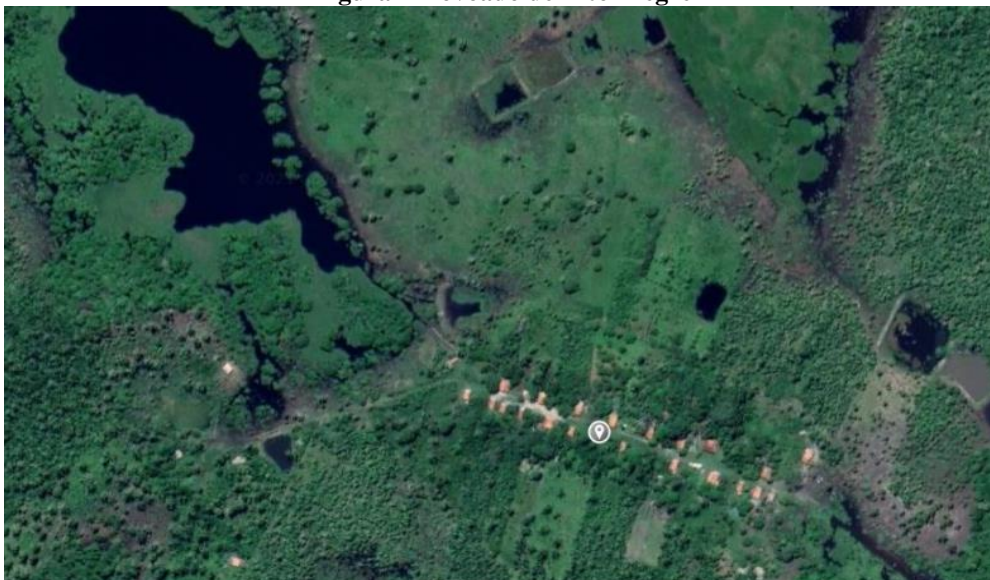
As últimas atualizações mostram uma população estimada de 42,483 habitantes, dividida entre católicos, evangélicos e espíritas. Segundo o censo de 2017, o município apresenta 4.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 22.7% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 0.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada, que possuem presença de bueiro, calçadas, pavimentação e meio-fio.

Para manter o giro de capital no município, os mesmos contam com empresários e comércio local, vendedores informais, pescadores artesanais e a agricultura familiar, entre outros. Sobre a pesca artesanal em questão, que é objeto de estudo dessa etnografia, é possível perceber os pescadores artesãos fazendo da extensão do Rio Turiaçu seu local de trabalho. Os mesmos costumam usar de modalidades de pesca para escolher qual lugar irão

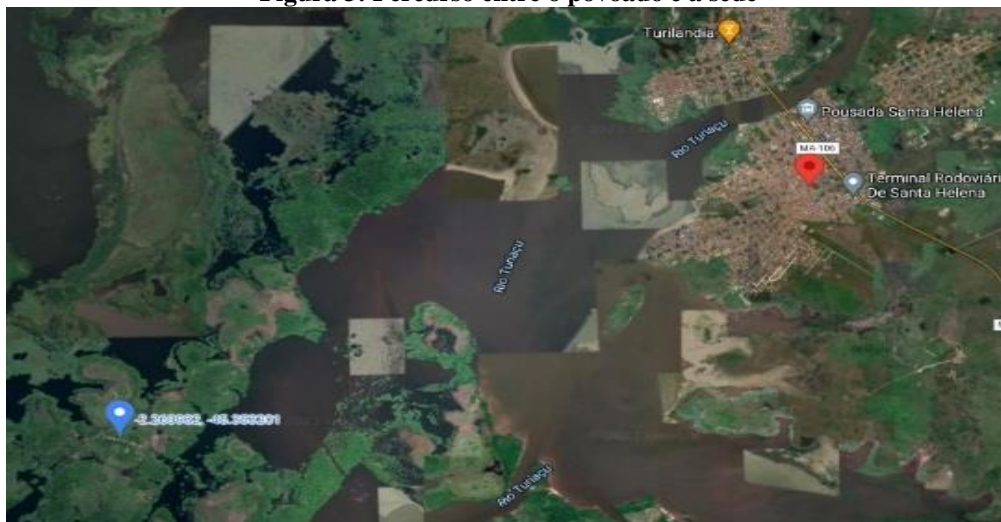
lançar suas armadilhas ou escolher o local e depois de observar qual a modalidade mais adequada.

A movimentação pelas águas da *Perola do Turí* acontece por meio de embarcações de pequeno, médio e grande porte, como canoas de casco e tábuas, botes e lanchas que são usadas principalmente para transportar moradores das regiões ribeirinhas para sede. Sobre o uso desses transportes para a execução da pesca, é sempre comum notar pescadores nas canoas com o auxílio de remos ou com motores para facilitar o acesso aos lagos mais escondidos. Sobre a área de estudo que possibilitou as visitas ao campo, é possível mencionar o “Lago do Toco”, que popularmente é chamado pelos pescadores de “Ilha da Onça”, onde há o Povoado Alto Alegre, o local com habitação mais próximo dessa região. Com o auxílio das **Figuras 2 e 3** será possível uma visão da área de estudo e da distância e percurso percorrido para a sede.

**Figura 2: Povoado de Alto Alegre**



Fonte: Google Maps (2021).

**Figura 3: Percurso entre o povoado e a sede**

Fonte: Google Maps (2021).

Às margens do “Lago do Toco” e de outros lagos vizinhos é praticado uma modalidade de pesca bem antiga e que apresenta traços bem específicos, conhecida como “*Pescaria De Acampamento, Barraca ou secar traíra*”. Diferente de outras modalidades que são praticadas, que demandam uma jornada de trabalho bem mais curta, essa exige daqueles que a praticam meses de dedicação, iniciando-se na organização dos mantimentos e partindo para a montagem do acampamento, onde estende-se por meses as habitações nessas regiões. Os pescadores fazem desses campos alagados, igarapés e canais de fonte de renda, com o objetivo final de trazer para casa o pescado processado e embalado para venda no comércio local.

Todas as extensões de estudos mencionadas anteriormente foram visitadas durante o processo de coleta de dados, trazendo para a escrita etnográfica a realidade que é vivida pelos artesãos.

## 2.4 Caracterização ambiental

O Estado do Maranhão é conhecido pelo seu ecossistema rico e diversificado. O relevo maranhense, por exemplo, “apresenta topografia regular, com aproximadamente 90% da superfície abaixo de 300 metros de altitude. Ele é composto por costa recortada e planície litorânea com dunas e planaltos no interior” (IBGE, 2020). Com um clima equatorial e vegetação composta por mata de cocais na porção Leste, mangues no litoral, além de floresta Amazônica na porção Oeste e cerrado, ao Sul. É rico em recursos hídricos,

tendo por afluentes o rio das Balsas, Gurupi, Itapecuru, Mearim, Parnaíba, Pindaré, Tocantins, Turiaçu (IBGE, 2020).

A etnografia das práticas pesqueiras tradicionais no rio Turiaçu, em Santa Helena, ocorre, portanto, em áreas usadas pelos artesãos caracterizadas por uma vegetação densa com árvores frutíferas e não frutíferas, lagos, igarapés, lagoas e lagunas, além, de bancos de areia e solo argiloso, que comporta várias espécies de animais, terrestres, aquáticos e aves.

Durante as visitas, foi possível registrar algumas imagens referentes a esses ambientes. A **Figura 4**, registra um acampamento de pescadores às margens do “Lago do toco”, que corresponde a uma parte do rio Turiaçu, composto por vegetações aquáticas e terrestres que contribuem na criação de abrigos para os seus habitantes. Na **Figura 5**, encontra-se um banco de areia, frequentemente usado pelas aves para repousar durante os voos e usadas pelos ribeirinhos para a escavação de poços para alcançar a água mais potável possível, que será consumida durante os meses de estadia. Na **Figura 6** é possível identificar um igarapé, o qual aloja várias espécies de animais por se tratar de uma região que conserva a água por longos períodos após o início do verão, onde as espécies refugiam-se em busca de sobrevivência, o mesmo acontece com o pescado, que se enrosca nas plantas.

**Figura 4: Acampamento Ribeirinho**



Fonte: autoria própria (20/09/2019).

**Figura 5: Escavação de um poço**

Fonte: autoria própria (20/11/2020).

**Figura 6: Igarapé**

Fonte: autoria própria (20/11/2020).

O ecossistema do município possibilita aos seus habitantes a exploração e utilização de algumas matérias primas, como o babaçu, a palha, a madeira e argila, assim como a utilização do rio para a efetivação da pesca. Essas práticas, além de representarem fonte de renda para quem as utiliza, também possuem um caráter prejudicial às espécies nativas da região, assim como ocorre a poluição que as águas do Rio Turi acabam por sofrer por dejetos e pelo mau uso dos equipamentos de pesca.



Para além do que se tem conhecimento das práticas pesqueiras, é notório que seja mencionado seus prós e contras. Segundo Ferreira (2011, p. 114):

O Rio Turiaçu e seus afluentes já foram grandes potenciais piscosos, mas, a pesca descontrolada unida a outros fatores naturais vem comprometendo a produção e extinguindo algumas espécies de pescado desta região. O uso de utensílios de pesca impróprios também é um fator que solidifica a diminuição do pescado, pois, filhotes de peixes são retirados, mortos e jogados fora.

É difícil mensurar em que medida a ação do pescador artesanal pode provocar prejuízos ao meio ambiente, sendo uma atividade milenar que passou por longos processos de adaptação que levou a pesca a outro nível, possibilitando o acesso a matérias para as modalidades de captura com um caráter mais industrial e menos ecológica e artesanal. Ao longo da história, várias profissões se modernizaram, almejando mais lucros com o aumento das produções, que se tornou possível graças ao avanço das novas tecnologias, desse modo, a pesca artesanal não foi exceção.

Mediante essas ações indevidas, viu-se a necessidade de uma fiscalização mais ativa e a criação de leis mais eficientes que possam prever formas de punição para aqueles que não cumprirem com as normas. Segundo a Lei nº 9.607/1988, esta prevê formas de pesca predatória que constituem crimes, entre as quais a pesca de espécimes com tamanhos inferiores aos permitidos, em quantidade superior à permitida, ou mediante a utilização de aparelhos, apetrechos, técnicas e métodos não permitidos. A função dessas leis normativas não é impedir que o trabalhador execute seu ofício, nem tão pouco receba punições inadequadas. O seu real sentido é provocar uma reação oposta naqueles que desfrutam desses recursos, criando um pensamento de cuidado e preservação do local que os próprios necessitam para sobreviver.

É possível encontrar em noticiários, jornais e principalmente nas redes sociais, diversos acontecimentos referentes ao mau uso dos recursos naturais. Alguns dos exemplos mais comuns são: o acúmulo de lixo nas cidades e a falta de manuseio adequado; vazamentos de óleos no mar; queimadas; derrubadas de árvores protegidas ou de maneira ilegal; garimpos clandestinos; desastre em barragens; extinção de espécies animais; entre tantos outros fatores que contribuem de maneira negativa na mudança do meio ambiente do qual conhecemos.

Sobre o município em questão, é possível identificar mudanças estruturais que implicam em dizer que o crescimento da cidade acarretou em construções de prédios sobre áreas naturais ou protegidas, com a invasão de espaços que antes pertencia ao rio Turiaçu no período de cheia. Depois dessas mudanças, a cidade passou a sofrer com

enchentes que desabrigaram muitas famílias, levando à administração local a necessidade de decretar estado de calamidade pública. Segundo a publicação do portal de notícias Imirante: (25/05/2009):

O Rio Turiaçu nunca na sua história tinha subido a tal nível, nem desabrigado tanta gente. Os habitantes mais antigos podem comprovar. Nunca tinham visto tanta água no rio Turiaçu. Nunca uma enchente foi tão grande como a que desabriga e desaloja tanta gente em Santa Helena e Turilândia, dois municípios banhados pelo Rio Turiaçu. Nas duas cidades são centenas de desabrigados ou desalojados, várias famílias que tiveram que deixar as suas casas e foram para casas de parentes ou estão em escolas ou abrigos públicos. [...] e o prejuízo não foi só nas cidades. Muitos povoados dos dois municípios, situados à beira do rio, sofrem também com enchentes (IMIRANTE, 25 maio de 2009)<sup>2</sup>.

Os problemas apresentados nesses períodos podem ser causados pelo uso indevido de propriedades que correspondem às margens do rio, bem como alterações no clima e poluentes que dificultam a drenagem do solo. À medida em que a poluição se estende, mais agravante se torna a situação do Rio Turiaçu. Perante esses acontecimentos, aqueles que mais sofrem são os dependentes desse ecossistema, como os animais e o homem que vive nas proximidades e dele retira seu sustento.

---

<sup>2</sup> A matéria pode ser conferida, na íntegra, no seguinte endereço eletrônico: < Cheia do Turiaçu deixa Santa Helena e Turilândia debaixo d'água - Imirante.com >

### 3 CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL EM SANTA HELENA

Com uma fundação caracterizada por um assentamento indígena que se instalou às margens de um rio (Rio Turiçu), Santa Helena encontra-se em vínculos diretos com as práticas agrícolas e principalmente as pesqueiras, que comparado ao comércio, também é uma fonte de renda contribuinte para o desenvolvimento do local, além de afirmar as raízes dos primeiros habitantes do município.

O capítulo em questão pretende analisar a apropriação da pesca pelos moradores locais, assim como a montagem e desmontagem de acampamentos ribeirinhos e a permanência dos pescadores na região, suas práticas pesqueiras, modalidades de capturas, instrumentos utilizados, espécies capturadas e, por fim, o processamento do pescado, especificamente, da traíra que é um dos peixes mais valorizados para a conservação por meio da salga e secagem.

Para a coleta de dados, realizaram-se entrevistas com pescadores da região, os quais contribuíram com relatos sobre os acampamentos provisórios que acontecem uma vez ao ano no período em que o Rio Turiçu está em processo de seca, após um inverno que possibilitou a procriação e desenvolvimento dos peixes, além de algumas visitas a esses acampamentos.

O *Pescador Artesão*, denominação dada pela forma que o trabalhador confecciona suas armadilhas e como executa a captura do pescado, uma prática que não recebe a influência de maquinário. Ao longo dos anos, as gerações de pescadores artesãos encontraram-se em uma posição onde necessitaram de alguns utensílios mais modernos, porém, ao que diz respeito à pesca no município de Santa Helena, é notório que, apesar dessa modernização, os pescadores ainda possuem um certo caráter rústico que é percebido na montagem e desmontagem dos acampamentos ribeirinhos, nas formas do manejo das armadilhas que em muitos casos são fabricadas pelos próprios pescadores ou feitas por encomendas com outros artesões locais e, principalmente, na forma de conservação do pescado, que apesar de possuir formas mais práticas de conserva, alguns pescadores ainda optam por processar o peixe de maneira mais arcaica com a ajuda do sal e a secagem em girais.

De acordo com Fróes (2012, p. 25), “[...] foram criadas associações de pescadores que cadastram (associam) pessoas, mesmo que não sejam pescadores”, tendo em vista futuros ganhos pessoais, como os políticos e econômicos, ainda que em pequena escala. Esses fatos prejudicam diretamente o verdadeiro pescador artesanal que, desmotivados

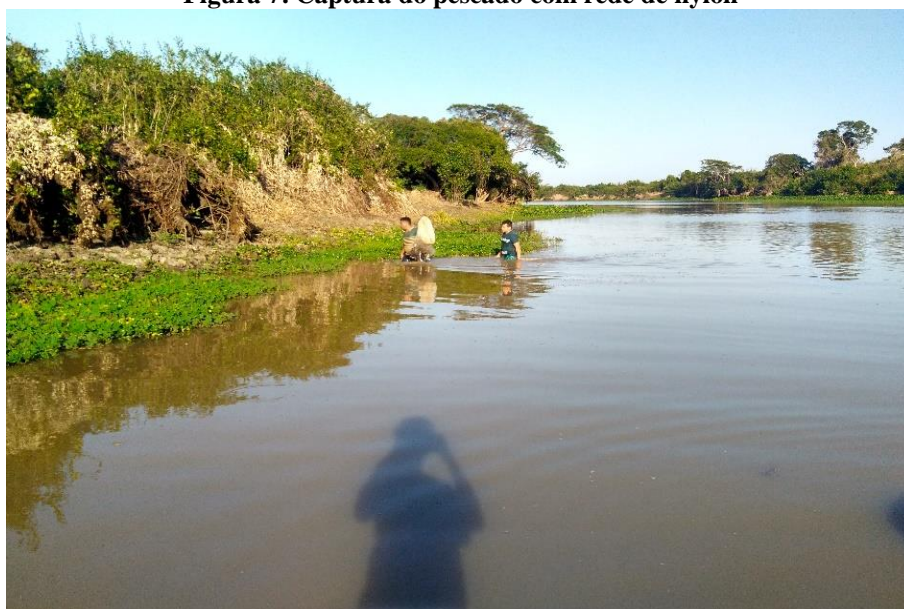
com tal injustiça, correm o risco de perder seus direitos conquistados com tais crimes praticados. Não deixando de notar que essas práticas interferem no processo da pesquisa durante o processo de coleta de dados, levando em conta que qualquer material coletado é passível de fraude em relação a quem pesca ou utiliza dela para seu sustento.

### 3.1 Etnografia das práticas pesqueiras na Ilha da Onça

Para os navegantes da “Peróla do Turi”, em algumas etapas do ano é visível os acampamentos instalados por pescadores artesanais, assim como a possibilidade de visitas aos mesmos. Durante esses trajetos, foram possíveis acompanhar o cotidiano de algumas famílias de pescadores. O acampamento em questão estava situado no “Lago do Toco” ou como é popularmente conhecido “Ilha da Onça”, um lago que faz parte da extensão do Rio Turiaçu.

Mediante as narrativas dos pescadores locais, é preciso um período de preparação antes do deslocamento para as áreas de acampamento, onde é necessário a compra de materiais como as redes, alimentos para estocar, objetos que serão utilizados no dia a dia e materiais para a estruturação das barracas. Quando chegada a hora da instalação do acampamento, encontra-se um ambiente com vegetação nativa, árvores frutíferas, plantas aquáticas, bancos de areias, igarapés, além de aves e peixes de diversas espécies, como mostram as **Figuras 7 e 8** abaixo.

**Figura 7: Captura do pescado com rede de nylon**



Fonte: autoria própria (19/08/2018).

**Figura 8: Pescadores puxando a rede para a retirada dos peixes capturados.**



Fonte: autoria própria (30/09/2018).

Durante as visitas ao campo, observou-se todo o processo de confecção do acampamento da *Família Leite*, onde o *Sr. Vavá*, pescador local, menciona que pratica essa modalidade há mais de 25 anos, sempre situando seu acampamento às margens do *Lago do Toco*. Na realização da montagem do acampamento, os pescadores demoram em média dois dias para retirar as palhas e a madeira que serão utilizadas na construção da barraca. Além dos materiais naturais retirados do local, ainda são necessários plásticos para ajudar na cobertura das barracas e tiras de tecido ou barbantes para as amarrações das estruturas de madeira. Outros utensílios básicos são frequentemente utilizados, como redes, cordas, caixas de isopor, lanternas para a iluminação, murões de sebo, talheres, entre outros materiais necessários para se ter uma estadia mais cômoda possível.

A montagem completa do acampamento é concluída em média durante 12 horas, de acordo com os pescadores. Após esse período, novos habitantes trazem para o acampamento o restante dos materiais necessários para se viver por meses nesse ambiente, o qual não possui água potável ou energia elétrica. Na **Figura 9**, abaixo, é possível notar como ficou o acampamento após esse período de instalação.

**Figura 9: Acampamento da família Leite**

Fonte: autoria própria (08/09/2018).

Sobre a estadia nessas regiões ribeirinhas, é possível permanecer no local de acordo com as condições climáticas, ou seja, a partir do equilíbrio da seca do rio Turi, que varia de acordo com as chuvas no período do inverno. Há o estabelecimento de uma base de deslocamento e permanência dos pescadores que pode variar entre os meses de julho a outubro, de acordo com a variação do clima. Durante o período da observação participante, percebeu-se uma cadeia operatória na base familiar dos pescadores que implica, afeta, na vivência nesses locais durante os meses que se seguem.

No acampamento da *Família Leite* foi constatado um fluxo maior de pessoas nos finais de semana, sendo o período em que a maioria dos frequentadores estão afastados dos trabalhos na cidade, onde esses visitantes, em sua maioria constituídos de parentes e amigos que procuram uma aventura ou relaxamento, bem como praticar uma pesca de menos duração, visando retornar à sede com o peixe fresco. Porém, aqueles que permanecem nas barracas durante todo período de secagem são em média de 5 a 8 pessoas, divididas entre seu *Edvaldo Costa Leite Filho* (Vavá), reconhecido como líder do acampamento, o responsável pela colocada das redes e captura do peixe, sucedido por *Joana de Araujo Leite* (Dona Joana), a responsável pela manutenção e organização do acampamento, além de trabalhar diretamente com a higienização e salga do pescado. Nessa cadeia operatória ainda existem crianças e outros adultos que dividem o restante das atividades como: coleta da lenha para o cozimento dos alimentos e fogareiro durante a noite e o manejo da água para se utilizar na lavagem dos utensílios e consumo.

Além da pesca como subsistência, nossos persistentes pescadores ainda arrumam tempo para outras atividades manuais, como um pequeno cultivo de hortaliças (cheiro verde, cebola de folha e pimentas) em canteiros suspensos, criação de animais (patos e galinhas), caça de aves com armadilhas e queima de madeira para a fabricação do carvão natural, tudo com a finalidade do consumo pessoal. As **Figuras 10 e 11** registram um pouco da realidade vivida nas margens dos rios pelos pescadores em acampamentos provisórios.

**Figura 10: Seu Vavá despescando à malhadeira.**



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

**Figura 11: Dona Joana tratando do pescado**



Fonte: autoria própria (30/09/2019).

Ao término dos meses de estadia dos pescadores às margens dos lagos, é chegado o momento do retorno à cidade, quando o rio seca e os peixes ficam escassos, o pescador sabe que está na hora de retornar ao lar. Iniciasse o processo de organização e desmonte da barraca. Os materiais que poderão ser reutilizados nos anos seguintes, juntamente com sua criação de animais e o pescado capturado, processado e ensacado, retornam com os pescadores para suas casas na cidade. Porém, o que não terá mais serventia ficará no local, restando apenas vestígios de que um dia houvera habitantes naquelas regiões. Nessa perspectiva, é possível mencionar que os ancestrais indígenas, mesmo perdendo espaço na história, não passaram despercebidos, deixando seus ensinamentos acerca da pesca artesanal que é praticada por gerações nas águas que banham a *Pérola do Turi*.

### **3.2 Modalidades de captura**

A pescaria, para além de uma atividade econômica, também é praticada como lazer. Nesse sentido, para que a captura dos peixes ocorra, é necessária a escolha de uma modalidade. As modalidades de captura são escolhidas perante a necessidade do pescador, que é influenciada por variantes como: escolha do local; profundidade do mar, rio ou lago; espécie a ser capturada; quantidade desejada; disponibilidade de materiais e do pescador, entre outros fatores.

No rio Turiaçu, os pescadores fazem uso de várias técnicas nos acampamentos provisórios onde os artesãos se desdobram para aproveitar a maioria do seu tempo para conseguir a maior quantidade de pescado possível. A seguir, lista-se as modalidades de capturas mais utilizadas pelos pescadores locais.

**PESCARIA DE ESPERA:** consiste em estender uma rede de nylon de uma margem a outra do rio e depois aguardar por um período de tempo, onde o pescado irá transitar e possivelmente se enroscar nas redes. Após a espera, o pescador retorna a rede e despesca o que foi capturado; logo depois, deixa as redes no mesmo local, refazendo o mesmo processo várias vezes durante o dia ou a noite. Os peixes mais comuns capturados nessa modalidade são: Traíra, Piau, Jejú, Cabeça-gorda, Camurim, Urubarana, Peratatú, Sarapó, Acará e Bodó.

**PESCARIA DE ARRASTO:** normalmente é praticada em lagos mais secos, onde o peixe encontra-se encurralado pelo baixo nível da água. Nessa prática é necessária, no mínimo, duas pessoas que estendem uma rede de nylon que está amarrada em dois pedaços de madeira que facilitará a movimentação da rede por todo o lago em busca do pescado.



**PESCA DE TARRAFA:** a tarrafa é fabricada de forma artesanal, com aparência que remete a uma espécie de saco feita de nylon. Ela é lançada no rio com uma técnica que permite com que a rede possa se abrir, capturando os peixes que estiverem na direção em que foi lançada. Para a pesca com tarrafa é necessário apenas uma pessoa para lançar a rede. Em relação ao nível da água, pode ser praticada em águas de baixo nível ou em canoas, de maneira submersa.

**PESCARIA DE SOCÓ:** essa modalidade é uma das menos utilizadas atualmente; os pescadores locais evitam a pescaria com o socó por sua periculosidade, grande esforço físico sustido e pouco rendimento. De acordo com relatos de uma pescadora local, “a pescaria de socó é realizada em lagos, sempre com a água no nível abaixo do quadril, socando e colocando a mão e retirando o peixe que estiver dentro”<sup>3</sup>. Essa modalidade exige habilidades e rapidez, pois a quantidade do pescado capturado varia de acordo com a experiência do pescador. Segundo a pescadora artesanal Joana, “existia pescadores que conseguiam capturar até dez quilos de pescado em um dia de pescaria”<sup>4</sup>. O instrumento utilizado é totalmente artesanal, e seu manejo não possui influência alguma de qualquer mecanismo a não ser o pescador.

Ao observar essas atividades, percebe-se que apesar dos avanços tecnológicos da atualidade, muitos pescadores não fazem o uso de materiais de recente tecnologia ou apetrechos modernos; porém, não é correto afirmar que seja por falta de recurso ou habilidades. Existe uma certa simplicidade na forma em que cada artesão pratica suas atividades e os meios pelos quais os mesmos são repassados, entretanto, a forma como a pescador recebe tais instruções pode indicar a maneira que o mesmo irá trabalhar com seu equipamento.

Para muitos artesãos, a pescaria entra em suas vidas ainda na juventude. De acordo com Raimundo Fróes, de 77 anos (2020):

Eu iniciei pequeno [...] nós aprendemos as coisas que Deus deixou pra nós aprender, às vezes nós olhando, nós aprendemos. Às vezes olhava tio, às vezes pai ia pesca, aí nós íamos levando a vida assim até enquanto foi amadurecendo. Eu ia com pai, às vezes com a mulher. Nós pescava de tarrafa de fio, não tinha canoa, levava de parentes, [...] pescava para o consumo porque trabalhava na roça, [...] era muito bom muito, importante.<sup>5</sup>

À medida em que se convive com os pescadores do município de Santa Helena, percebe-se que a maioria dos atuais pescadores vem de uma geração com pouco grau de

---

<sup>3</sup> Relato oral da pescadora Joana (2019).

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Relato oral de Raimundo Fróes (2020).

escolaridade, encontrando no ofício da pescaria o meio pelo qual conseguem levantar uma fonte de renda para seu sustento. Tais fatores são fundamentais para explicar os seguimentos de atividades com modalidades de pesca sem muita tecnologia ou com grande investimento financeiro, como é o caso do acampamento longo, levando à continuidade de uma atividade ancestral que, apesar de mudanças ocorridas, não perdeu seu caráter artesanal.

### 3.3 Instrumentos utilizados

Como em qualquer ofício, é comum utensílios distintos para a execução de seus trabalhos, na pesca artesanal não é diferente. No que concerne à captura do pescado, existem várias ferramentas que são peculiares, de caráter artesanal ou industrial. A malhadeira, por exemplo, é o instrumento mais comum entre pescadores artesanais de Santa Helena. Possui malha comprada em comércios locais especializados, juntamente com as cordas, nylon e chumbos. A parte artesanal nessa armadilha está na montagem, que é realizada pelos próprios pescadores, homens e mulheres, sem distinção de idade.

As técnicas de fabricação das malhadeiras são repassadas entre os próprios pescadores por meio da observação ou mesmo do engajamento do interessado. Assim, como a malhadeira, a tarrafa parte da compra de materiais industriais, porém, exigem técnicas diferenciadas, já que sua estrutura é tecida a partir do zero. Ademais, alguns artesãos fazem de suas habilidades uma fonte de renda extra, vendendo as tarrafas já confeccionadas para os pescadores que não sabem ou não possuem disponibilidade para fabricar, mas tudo dentro de um comércio mais reduzido e limitado entre os próprios pescadores.

É comum entre os acampamentos ribeirinhos a utilização das matérias primas encontradas pela região, como o uso das pindobas para fabricação de côfos, mensabas, abanos, além de usá-las como cobertura das barracas dos acampamentos. As canoas, remos e espetos que fazem parte do processo de captura e navegação entre os rios e lagos, são fabricados a partir da madeira local, entre os objetos mencionados anteriormente deve ser destacado que as canoas e os remos, por serem mais complexos, já são fabricadas em serralherias, perdendo seu caráter artesanal. Contudo, em tempos recentes, os transportes aquáticos eram criados a partir de grandes toras de madeira que eram lapidadas de maneira artesanal. Essas canoas eram conhecidas como *canoas de casco*, sendo hoje menos comum e abrindo espaço para as *canoas de tábuas*.

Para além das técnicas de captura e dos materiais retirados da natureza, é comum encontrar entre os pescadores outros utensílios que foram criados para suprir as necessidades e facilitar o manejo do pescado. As caixas de isopor são as mais comuns que permitem o armazenamento e conservação do peixe, permitindo que o pescador transporte quantidades maiores de peixe, aumentando a renda da família (as caixas exotérmicas são preferíveis quando o pescador busca uma pesca de menor duração).

Para fins de ilustração, as **Figuras 12 e 13** são registros referentes às armadilhas utilizadas pelos pescadores locais nos acampamentos da região, onde cada armadilha é referente a uma modalidade de captura que, conseqüentemente, necessita de ferramentas distintas para que se possa capturar o pescado.

**Figura 12: Despesca da malhadeira (Pescador Buchecha)**



Fonte: autoria própria (08/09/2019).

**Figura 13: Tarrafa, à esquerda; e soco, à direita**




Fonte: autoria própria (30/09/2018).









### 3.4 Espécies capturadas


De acordo com o Catálogo das Espécies de Peixes de Água Doce do Brasil (BUCKUO; MENEZES; GHAZZI, 2007) “[...]registra-se a ocorrência de 2.587 espécies válidas pertencentes a famílias de peixes que ocorrem exclusivamente em ambientes de água doce”. O rio Turiaçu, que divide os municípios de Santa Helena e Turilândia, está repleto de espécies de peixes que percorrem toda a extensão de suas águas, deixando lagos e igarapés mata à dentro recheados com diversas espécies, onde as famílias de pescadores da região tiram sua fonte de renda por meio da pesca de jornada, ou se instalando por temporadas em acampamentos para capturar o pescado e processá-lo para a venda na cidade. Se nenhuma dessas modalidades mencionadas anteriormente forem possíveis, ainda existe outras modalidades de pescaria mais práticas, uma delas se caracteriza pelo uso de seus utensílios de pesca para a captura dos peixes nas localidades mais próximas da zona urbanas.

Para os habitantes locais, algumas espécies de peixes possuem nomes diferenciados de outras regiões. As espécies do rio Turi estão divididas entre peixes de escama, peixes de couro ou esporão e peixes de casco. É difícil mensurar qual categoria de peixe influencia mais no comércio local, já que todas as espécies são consumidas sem restrições legais ou por crendices.


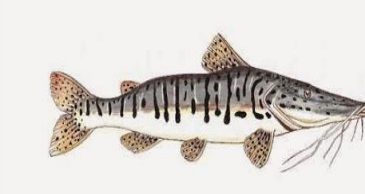

Visando a identificação do pescado, notou-se a necessidade de uma catalogação mais detalhada dos peixes da região. As imagens a seguir correspondem às espécies capturadas pelos pescadores artesanais, mais especificamente no “Lago do Toco”. Durante as visitas aos acampamentos dos pescadores, que ocorreram nos anos de 2018, 2019 e 2020, foi possível a coleta de fotos e relatos orais. O primeiro mapeamento identifica peixes de escama e o segundo de peixes de couro ou esporão e, por fim, os de casco, como mostram os **Quadros 1, 2 e 3**.

<b>QUADRO 1: Peixes de Escama</b>		
<b>ESPÉCIE</b>	<b>ESPECIFICAÇÕES</b>	<b>IMAGEM</b>
Traíra <b>(Hoplias Malabaricus)</b>	A traíra habita águas paradas de lagos, represas, brejos, remansos e rios.	


<p>Sarapó (<b>Gymnotus Carapo</b>)</p>	<p>O Sarapó possui coloração pardacenta e nadadeira anal muito longe, estendendo-se por quase toda a face ventral.</p>	
<p>Acará (<b>Geophagus brasiliensis</b>)</p>	<p>O Acará habita ambientes de águas paradas, mas também é encontrado nos rios, especialmente nos remansos ou nas margens com vegetação abundante.</p>	
<p>Camorim (<b>Crenicichla</b>)</p>	<p>Habita em rios de água fria e corrente, sendo um peixe frágil, muito suscetível à poluição.</p>	
<p>Piaba com uma anomalia (<b>Leporinus frederici Bloch</b>)</p>	<p>Piaba" e "piava" procedem do termo tupi pi'awa, que significa "pele manchada.</p>	
<p>Piau (<b>Leporinus freiderici</b>)</p>	<p>O Piau-Três-Pintas habita margens de rios, lagos e florestas inundadas.</p>	
<p>Jeju (<b>Hoplerythrinus Unitaeniatus</b>)</p>	<p>O Jeju é considerado como uma espécie de ambiente lântico, ou seja, prefere viver em águas paradas, em locais como remansos de rios, córregos, lagoas marginais, brejos e açudes.</p>	
<p>Cabeça - gorda (<b>Leporinus macrocephalus</b>)</p>	<p>O Piavuçu é um peixe que faz longas migrações rio acima para se reproduzir.</p>	
<p>Tapiaca (<b>Psectrogaster amazônica</b>)</p>	<p>É um peixe de pequeno porte. Ocorre principalmente em lagos e lagoas associadas aos rios.</p>	


<p>Piranha (<b>Serrasalmus rhombeus</b>)</p>	<p>Peixe carnívoro de água doce, muito ágeis. Vivem em cardumes e habitam os rios e lagos da América do Sul.</p>	
<p>Fonte: Imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em &lt;<a href="https://www.ctp.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil">https://www.ctp.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil</a>&gt;. Acesso em 01 de agosto de 2021.</p>		

### QUADRO 2: Peixes de couro ou esporão

ESPÉCIE	ESPECIFICAÇÕES	IMAGEM
<p>Peratatu (<b>Trachydoras</b>)</p>	<p>Ocorre principalmente em águas tranquilas em lagos e pequenos riachos, preferindo áreas pouco profundas e pantanosas com substrato macio e arenoso.</p>	
<p>Surubim (<b>Pseudoplatystoma fasciatum</b>)</p>	<p>O Surubim é um dos maiores peixes de água doce do Brasil, podendo pesar mais de cinquenta quilos e atingir mais de um metro de comprimento total.</p>	
<p>Mandiaçú (<b>Siluriformes</b>)</p>	<p>Apresenta comportamento pacífico; pode ser criado em aquário comunitário desde que evite peixes pequenos o suficiente para caber em sua boca, assim como peixes de grande porte que podem comê-lo e acabarem se engasgando com os espinhos venenosos.</p>	
<p>Fonte: imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em &lt;<a href="http://www.klimanatural.org/2012/06">http://www.klimanatural.org/2012/06</a>&gt; e &lt;<a href="https://www.infoescola.com/peixe">https://www.infoescola.com/peixe</a>&gt;. Acesso em 01 de agosto de 2021.</p>		

### QUADRO 3: Peixes de Casco

ESPÉCIE	ESPECIFICAÇÕES	IMAGEM
<p>Cascudo (<b>Hoplosternum Littorale</b>)</p>	<p>Apresenta corpo fusiforme e coloração pardacenta. Seu corpo é coberto por placas ósseas, semelhante a uma armadura. É um peixe pacífico que pode ser mantido em aquário comunitário com peixes igualmente pacíficos.</p>	

<p><b>Carral (<i>Pterodoras granulosus</i>)</b></p>	<p>O Abotoado habita águas de grande profundidade, como rios, poços de grande profundidade, matas inundadas, lagos de várzea e canais, onde rastreia o fundo em busca de comida.</p>	
<p><b>Bodó (<i>Loricariidae</i> cascudos)</b></p>	<p>Os loricariídeos são peixes exclusivos de água doce, que habitam os rios e lagos da América Central e do Sul.</p>	
<p>Fonte: Imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em &lt;<a href="https://www.ctp.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil">https://www.ctp.com.br/artigos/peixes -de-agua-doce-do-brasil</a>&gt;. Acesso em 01 de agosto 2021.</p>		

É de notório que as espécies mencionadas anteriormente representam apenas uma parcela do que o nosso ecossistema tem a oferecer. Trata-se de uma pequena amostra coletada durante as visitas aos acampamentos investigados durante a elaboração dessa monografia.

### 3.5 Processamento do pescado

Os pescadores da região sempre selecionam os melhores lugares para colocarem suas redes, locais com maiores chances de sucesso na captura do peixe, utilizando as técnicas repassadas de pais para filhos.

A pesca artesanal da traíra é feita principalmente com duas modalidades de pesca, com a utilização da malhadeira e o socó. Considerando uma chance maior de sucesso e menos esforço físico, os pescadores optam na maioria das vezes pela malhadeira, conhecida como pesca de espera. Após serem colocadas no lago ou rio, é aguardado um período considerável até que o pescador retorne as malhadeiras, passando por um processo chamado de *despesca*. O pescador se dirige ao local deixado para vigiar suas armadilhas e certifica-se que o peixe entrou na rede, é comum que os mesmos se locomovam por meio de pequenas embarcações ou aval quando a profundidade do local é baixa.

Dando continuidade à rotina diária dos pescadores, encontra-se a traíra (jabiraca), já capturada e agora pronta para ser tratada. Normalmente, essa parte do processo ocorre

pelas mãos das mulheres que se encontram no acampamento que se reúnem em volta de uma espécie de estaleiro (mesa improvisada com madeira da região), cada qual com seus materiais (facas, tábua e banco), iniciando a limpeza do peixe. As mulheres mais novas retiram as escamas e nadadeiras, e as mais experientes tratam de abrir, retirar as entranhas e deixar o mesmo em ponte de salga. Tudo ocorre em um momento natural de interação (roda de conversa), com histórias e uma singela sincronia, sendo uma típica manhã de pescador, como mostra a **Figura 14**.

Após a limpeza do peixe, passa-se para o momento de salga (**Figura 15**), sendo um processo aleatório que não possui uma pessoa fixa para realizá-lo. O responsável juntará os peixes em uma bacia e aplica uma quantidade generosa de sal para impedir que o peixe apodreça durante o período de exposição ao sol. Seguindo a cadeia operatória, o peixe salgado agora ficar em descanso por uma noite. No dia seguinte, o peixe será exposto em um *jirau* (construção feita de talos e madeira e cipós para amarrações), e em seguida passará por volta de 3 a 5 dias secando naturalmente, como se vê na **Figura 16**.

Quando o peixe, já seco, é retirado do *jirau* e vai direto para o ensacamento que pode ser em *cofos* ou sacos de nylon (visível na **Figura 17**), esse ensacamento é geralmente feito pelos homens ou pelas mulheres mais velhas. Finalizado essa etapa, o peixe já está pronto para ser levado à cidade onde é guardado por mais um tempo, ou segue direto para a comercialização. Todo o processo descrito anteriormente é, em geral, direcionado apenas à traíra (jabiraca), outros peixes até podem passar por esse processamento, mas seu direcionamento é simplesmente para o consumo dos próprios pescadores, pois o mesmo não é considerado apropriado para a venda, tanto por desinteresse dos compradores como pela sua conservação, que é mais curto do que a traíra, ainda que passando pelos mesmos processos.

A alimentação diária desses moradores provisórios é a base dos peixes que não serve para a secagem e que são consumidos cozidos, assados ou fritos. Pode ser consumido também o peixe seco com o típico chibé (farinha e água) ou somente com farinha. Além do pescado local, o cardápio dos nossos pescadores pode mudar para as caças (aves) capturadas no local ou alimentos obtidos na cidade pelos visitantes que semanalmente se dirigem ao acampamento para levar mantimentos para ajudar na manutenção diária.

Quanto ao peixe seco, além de ser consumido assado, os moradores locais da cidade preferem ingeri-los desfiados, em tortas, mexidos, etc., com destaque para a Semana Santa. Uma iguaria que depende de um longo processo exaustivo, mas que gera



renda para muitas famílias de pescadores artesanais. Um belo ofício deixado por nossos ancestrais indígenas que perpetua até hoje, mas com adaptações ao longo dos anos.

**Figura 14: Mulheres tratando do pescado (Ilha da Onça)**



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

**Figura 15: Salga da Traíra**



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

**Figura 16: Secagem da traíra em jirau (Ilha da Onça)**



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

**Figura 17: Peixe sendo ensacado após secagem (Ilha das Onças).**



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os aspectos da pescaria artesanal na região do município de Santa Helena Maranhão é possível perceber um legado de história e memória em seus habitantes e principalmente no alicerce daqueles que praticam tal ofício, trazendo à tona um sentimento de resiliência que motiva os mesmos a persistirem ano após ano em uma prática que vem sofrendo constante mudança acarretada por aspectos ambientais, humanos e culturais.

A realização desta pesquisa possibilita um posicionamento até então desconhecido acerca da prática pesqueira. Para um pesquisador embarcar em um ambiente familiar e transformá-lo em um objeto de pesquisa é necessária uma motivação, desprendimento e principalmente um olhar treinado para que fatos, falas e ações não passem como algo natural ao olhar do pesquisador, evitando, assim, que o objeto de pesquisa sofra carência de informações, prejudicando o conteúdo final.

Ao longo das investigações traçadas e realizadas para a criação e finalização desse material, foi possível perceber que o olhar etnográfico mediante a pesca só é possível quando o investigador traça uma linha entre o passado, presente e possivelmente o futuro daqueles que dependem dela. As armadilhas utilizadas, o manejo dos materiais, as modalidades de captura, a forma do processamento, entre outros aspectos não surgiram de uma forma e permaneceram imutáveis, cada etapa, desde o clima ao alimento na mesa, em algum momento necessitou de mudanças e adaptações.

Ao presenciar depoimentos de pescadores mais antigos e outros mais recentes, é possível perceber o peso da mudança em suas vidas, por exemplo: um artesão que seguiu os ensinamentos do pai e hoje perpassa para filhos e netos, traz em suas histórias um arcabouço de informações que dificilmente poderão ser tratadas com tanta fidelidade em um material pedagógico. Porém, o jovem pescador utilizando desses conhecimentos ainda dispõe de novas tecnologias que provocam uma atualização na pesca em relação ao que ela foi um dia.

A realidade vivida pelos moradores do município faz questionar qual o papel do pescador artesão em relação aos valores comerciais e culturais da região. Para aqueles que percorrem as ruas das cidades é possível perceber em cada esquina um *atravessador* (pessoa responsável por comprar o peixe a grosso da mão dos pescadores) fazendo a revenda do pescado, que é um dos alimentos principais da mesa dos helenenses. Além, de gerar renda para as famílias que vivem da pesca, os terceiros (compradores) tem a

possibilidade de consumir um alimento mais fresco e com preços mais acessíveis, ajudando na qualidade de vida dos locais e na economia. Ademais, alguns pescadores aposentados, jovens ou até pessoas que não pescam procuram uma forma de complementar sua fonte de renda ou criá-la, investindo na fabricação das armadilhas e apetrechos de pesca, *as malhadeiras, tarrafas, côfos, remos, canoas, motores, caixas térmicas e até o gelo* que será utilizado na conservação, todos esses materiais que fazem parte do dia a dia do pescador, parte de um fabricante, seja em marcenarias, casas especializadas ou no fundo de um quintal, alguém sempre está vivendo de alguma forma da pesca artesanal.

A tradição encontrada neste ofício, parte principalmente das histórias contadas (história de pescador), narrativas que alimentam o imaginário cultural, as cantigas, os grupos de dança indígenas locais, as habilidades artesanais que passam de mão em mão, abrilhantando os valores empregados nessa cultura que utiliza da palha, das frutas do barro para fabricar abanos, vasos, telhados e obras de arte. Essa é a cultura que parte da realidade do pescador para a sociedade helenense. Toda a relevância encontrada nessas pessoas costuma ser ignorada, quando deveriam valorizar suas contribuições na criação de um povo que bebe no berço arcaico dos nossos artesãos.

É sempre possível mencionar as famílias que lutam dias após dias, ano após ano, para enfrentar cada jornada ou dificuldade que esse ofício traz consigo, tentando manter suas famílias com dignidade e valores, que vem se perdendo. Porém o discurso mais encontrado pela fala dos chefes de família se baseia em não desejar tal ofício para a sua geração futura, “trabalho árduo”, “cansativo”, “desvalorizado”, eles (os de fora) dizem, essa é a visão do próprio trabalhador que é feito com dedicação, mas com pesar de que o reconhecimento não é alcançado. Na fala de Seu Edvaldo, “eu não quero esse trabalho pra nem um dos meus filhos, eu não”. Seu Edvaldo assim como outro tanto de pescadores, além de contribuir para a existência da pesca artesanal, percebe o desgaste físico e emocional que é um dos principais motivos da diminuição de novos e antigos artesãos.

Para concluir, é possível perceber a influência da ancestralidade do povo helenense na cultura e economia atualmente. O futuro incerto dos pescadores artesanais é plausível de observação, pois toda a representatividade contida nesses homens e mulheres perpetuou-se por longos séculos, os quais dificilmente serão apagadas; porém, a certeza encontrada nesse estudo baseasse na mudança, a mesma que todos sofremos diariamente, seja em uma direção melhor ou pior. A modernidade avança a longos passos

para cobrir o que o passado classifica como antigo, cabendo a todo pesquisador fazer de seus escritos a janela entre o passado e o presente.

## REFERÊNCIAS

- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. **MÉTIS: história & cultura** – v. 8, n. 16, p. 97-119, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/953>> Acesso em: 10 set. 2021.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** / Verena Alberti. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 386 p.
- ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, M. A; COELHO, E. M. B; ROLANDE, L. F. Esse Pinheiro era dos índios: nas entrelinhas dos discursos. IN: SOUZA *et al.* **Paisagens: leitura e releitura da Baixada Maranhense**. 2011-2013: São Luís: Fapema, 2017.
- BEGOSSI, Alpina. Resiliência e populações neotradicionais: As caiçaras (Mata Atlética) e os caboclos (Amazônia Brasil) In: DIEGUES, Antônio Carlos (org). **Espaços e recursos de uso comum**. São Paulo, Nupaub, USP. 2001.
- BEGOSSI, Alpina. **O cerco flutuante e os caiçaras do Litoral Norte de São Paulo, com ênfase à pesca de trindade**, vol. 36 nº 11, RJ, nov. 2011.
- Boletim Estatístico Da Pesca E Aquicultura**. Disponível em:<<https://www.icmbio.gov.br> > Acesso em: 09 de nov. 2021.
- BRASIL ESCOLA. **Aspectos Naturais do Maranhão**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-naturais-maranhao.htm>> Acesso em: 09 de fev. 2021.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 1ª ed., Editora global: São Paulo, 2014.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Jangadeiros**. Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1957.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**/ James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p,320.
- DIEGUES. Antônio Carlos. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Etnográfica, Vol. III (2), 1999. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_03/N2/Vol\\_iii\\_N2\\_361-376.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2021.

DIEGUES. Antônio Carlos. **A Pesca no Litoral Sul de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, 1973.

DIEGUES. Antônio Carlos. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983.

DIEGUES. Antônio Carlos. **Povos e Mares: Leituras em Sócio Antropologia Marítima**, São Paulo: Nupaub, 1995.

DIEGUES. Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES. Antônio Carlos. **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: Nupaub - USP, 1997.

DIEGUES. Antônio Carlos. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: Nupaub - USP, 2004.

FERNANDEZ, José Pascual. Entre el mar y la tierra: **Los pescadores artesanales canários**. Ministerio de Cultura–Interinsular Canaria, Santa Cruz, 1991.

FERREIRA, R. P. **Santa Helena, Alma e História**. São Luís: 2011.

FRÓES, Antônio Torres. **História Do Município De Santa Helena** / Antônio Torres Fróes. – São Luis: Lifthograf, 2012.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Pescadores do rio Amazonas: escadotes do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área Amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993, 486 p.

GALDINO, José Wilson. **Educação e movimentos sociais na pesca artesanal** / José Wilson Galdino Fortaleza: Edições UFC, 2014.

GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal de Santa Catarina, Brasil**/ Rose Mary Gerber; orientador, Sônia wedner Maluf – Florianópolis, SC, 2013. 418, p.

HAMILAKIS, Yannis. Archaeological Ethnography: a multitemporal meeting ground for archaeology and anthropology. **Annual Review of Anthropology**, n. 40, 2011, p. 399-414. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-081309-145732>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

HINO DE SANTA HELENA-MA. **Wikisource**. Disponível em: <[https://pt.wikisource.gov/w/index.php?title=Hino\\_do\\_municipio\\_de\\_Santa\\_Helena\\_\(Maranhão\)&oldid=458346](https://pt.wikisource.gov/w/index.php?title=Hino_do_municipio_de_Santa_Helena_(Maranhão)&oldid=458346)>. Acesso em: 20 de Jun 2021.

IMIRANTE. **Cheia do Turiaçu deixa Santa Helena e Turilândia debaixo d'água**. Disponível em: <Imirante.com> Acesso em: 13 de set. 2021

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Referências culturais:** base para novas políticas de patrimônio. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial:** o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. Ed, 2006.

IBGE. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil** (2017). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

IBGE. Brasil em Síntese. **Histórico de Santa Helena** (MA). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <[cidades.ibge.gov.br](http://cidades.ibge.gov.br)> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/santa-helena/panorama>>. Acesso em: 11 de Junho de 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MALDONADO, Simone. **Mestres e mares:** espaço e indivisão social na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 1993.

MALDONADO, Simone. **Pescador do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

MARANHÃO. Secretaria de Educação de Santa Helena, Secretaria Municipal de educação, santa Helena, “**PEROLA DO TURI**, São Luis,1989\_96p. ilustr.

MAURICIO BOIVIN; ANA ROSATO. Antropología nacionales, antropologia própria y formación antropológica: comentarios desde Argentina. **ALTERIDADES**, n. 21, v. 41, 2011, Págs. 99-102. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/237039774\\_Antropologias\\_nacionales\\_antropologia\\_propia\\_y\\_formacion\\_antropologica\\_Comentarios\\_desde\\_Argentina](https://www.researchgate.net/publication/237039774_Antropologias_nacionales_antropologia_propia_y_formacion_antropologica_Comentarios_desde_Argentina)>. Acesso em: 09 jul. 2021.

Ramalho, Cristiano Wellington Noberto; MELO Andrezza Andrade de. Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da Praia de Carne de Vaca, Goiana, PE. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**. Disponível: <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciasociais/article/view/436>> Acesso em: 10 set. 2021.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. 5ª edição. São Paulo, Contexto, 2003.

MUNIZ, Lenir Moraes. **Pescar e despescar:** uma análise da prática por um grupo de pescadores em Penalva- MA / Lenir Moraes Muniz. São Luís, 2016.

MUSSOLINE, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



GEISTDOERFER, Patrick. **A vida nos mares**; trad. Maria Paulo dos Santos Guerreiro. – Mem Martins: Europa-América, 2016.

PIERSON, D. & TEIXEIRA, C. Survey de Icapara. In: **Sociologia**, n.9. PLANTE, S. 1997 Espaço, Pesca, 1947.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. A desnecessidade do trabalho entre pescadores artesanais. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 17, n. 38, p. 192-220, jan/abril, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/45048>> Acesso em: 07 jul. 2021.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Gestão ecológica enquanto conhecimento patrimonial dos pescadores artesanais: um estudo comparativo entre praticas pesqueiras estuarina e marítima em Pernambuco (relatório final bolsa DCR – Fundaj/Facepe/CNPq). Recife: Fundaj/Facepe/CNPq, 2012ª **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 34, n. 3, p. 226-244, set./dez. 2017. E-ISSN 1517-1256.

ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 14/15, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50100>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

RUIBAL, Alfredo González. El giro poscolonial: hacia una etnoarqueología crítica. En Departament d'Arqueologia i Antropologia. Institució Milà i Fontanals - CSIC (eds.). **Etnoarqueologia de la Prehistoria: Más allá de la analogía**. Treballs d'Etnoarqueologia, 6, CSIC, Madrid, p. 41-59, 2006.

RUIBAL, Alfredo González. De la etnoarqueologia del presente. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I.; ASKARRÁGA, J.; BONET, H. (Coords.). **Mundos tribales: una visión etnoarqueológica**. Valencia: Museo de Prehistoria, p. 16-27, 2009.

SILVA, Fabíola Andrea. Etnoarqueologia: Uma perspectiva Arqueológica para o Estudo da Cultura Material. **Métis** (UCS), v. 8, p. 121-139, 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/954>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SILVA, Cleudiane Costa. **História e Memória de Quilombo**: a formação do quilombo Turimirim, em Turilândia, MA / Cleudiane Costa Silva, 2019. 90 f.

SOARES, Inês Virgínia Prado. **Direito ao (do) Patrimônio Cultural Brasileiro**. Belo Horizonte: Fórum, 2009.

TSUJI, Tito Carvalho. **Pescadores e cooperativas**: um olhar sobre pescarias e sustentabilidade / Tito Carvalho Tsuji. São Luís: Edufma, 2013.210 p.

WELLINGTON. Cristiano. **Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da Praia de Carne de Vaca, Goiana, PE**. Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE janeiro — julho 2015.